



Andreia Filipa Moutinho Baptista

**Tipologias de estratégias de resolução conjugal e conflito coparental aberto e coberto
em mães portuguesas**

Trabalho realizado sob orientação do
Prof. Doutor Diogo Jorge Pereira do Vale Lamela da Silva

outubro, 2021



Andreia Filipa Moutinho Baptista

**Tipologias de estratégias de resolução conjugal e conflito coparental aberto e coberto
em mães portuguesas**

Dissertação de Mestrado Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia
3/2/2022, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof. Doutora Carla Margarida Vieira Antunes

Arguente: Prof. Doutor Tiago Miguel Pires Pinto

Orientador: Prof. Doutor Diogo Jorge Pereira do Vale Lamela da Silva

outubro, 2021

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante a declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Resumo

A investigação tem demonstrado que o conflito no subsistema conjugal é um tema central de investigação sobre as relações familiares, dado o seu impacto no funcionamento psicológico das crianças e dos restantes subsistemas familiares. No entanto, nenhum estudo testou a associação entre as diferentes tipologias de resolução de conflito conjugal e os diferentes tipos de estratégias de resolução de conflito coparental. O presente estudo teve três objetivos. O primeiro foi identificar tipologias de funcionamento resolução do conflito conjugal através de procedimentos de análise de *clusters*. No segundo objetivo pretendeu-se testar se os *clusters* de resolução de conflito conjugal diferiam entre si em variáveis sociodemográficas e relacionais, e, por fim, no terceiro objetivo, testou-se se os *clusters* diferiam entre si ao nível do conflito coparental aberto e coberto e ao nível da perceção de justiça na divisão de tarefas de cuidado do filho. A amostra foi composta por 272 mães residentes em Portugal, com idades compreendidas entre os 20 e 51 anos de idade, com filhos em idades compreendidas entre os 2 e 6 anos de idade. Usando um design transversal, foi conduzido um inquérito *online* de recolha de dados, ao qual as participantes responderam a questões referentes às variáveis em estudo. Os resultados evidenciaram quatro tipologias/perfis. Foi, igualmente, possível de observar que os perfis se diferenciaram entre si na satisfação conjugal, satisfação sexual e risco de divórcio, bem como se distinguiram entre si tanto ao nível do conflito coparental aberto, ao nível do conflito coparental coberto (sabotagem coparental) e quer ao nível da perceção de justiça na divisão de tarefas de cuidados da criança. As limitações e as implicações para a prática em Psicologia da Justiça do presente estudo serão igualmente discutidas.

Palavras-chave: Estratégias de resolução conflito, satisfação conjugal, coparentalidade, divisão de tarefas, risco de divórcio, satisfação sexual

Abstract

The result of the investigation is that conflict in the marital subsystem is a central theme of research on family relationships, given its impact on the psychological functioning of children and other family subsystems. However, no study has tested the association between different types of marital conflict resolution and different types of coparental conflict resolution strategies. The present study had three objectives. The first was to identify working typologies for marital conflict resolution through cluster analysis procedures. The second objective was to test whether the marital conflict resolution clusters differed from each other in sociodemographic and relational variables, and, finally, the third objective was to test whether the clusters differed from each other in terms of open and covered coparental conflict and at the level of the perception of justice on the division of child care tasks. The sample consisted of 272 mothers residing in Portugal, aged between 20 and 51 years old, with children aged between 2 and 6 years old. Using a cross-sectional design, an online data collection survey was conducted in which participants answered questions regarding the variables under study. The results showed four types/profiles. It was also possible to observe that the profiles differed from each other in terms of marital satisfaction, sexual satisfaction and risk of divorce, as well as being distinguished from each other both at the level of open coparental conflict, at the level of covered coparental conflict (coparental sabotage) and or at the level of the perception of justice on the division of child care talks. The limitations and implications for the Psychology of Justice practice of the present study will also be discussed.

Key-words: Conflict resolution strategies, marital satisfaction, division of labor, risk of divorce

Índice

Enquadramento Teórico	1
Estratégias de Resolução do Conflito Conjugal.....	1
Estratégias de Resolução Conflito Coparental.....	4
O presente estudo	6
Método	6
Participantes	6
Medidas	7
Procedimentos	9
Estratégia de Análise de Dados.....	10
Resultados	11
Discussão	15
Referências	19

Índice de tabelas

Tabela 1: Médias, Desvios-Padrão e Correlações Bivariadas entre as Principais Variáveis	11
Tabela 2: Diferenças entre os Perfis de Resolução de Conflito Conjugal nas Variáveis de <i>Clustering</i>	12
Tabela 3: Diferenças entre os Perfis de Resolução de Conflito Conjugal nas Variáveis Demográficas, Conjugais e Coparentalidade	13
Tabela 4: Caracterização dos perfis em função dos scores nas variáveis conjugais e coparentais.....	14

Lista de abreviaturas

CPS - Conflicts and Problem-Solving Scales

CRS - Coparenting Relationship Scale

CSI - The Couple Satisfaction

DQS - The Directed Questions Scale

ERC – Estratégias de resolução de conflito

ERCC - Estratégias de resolução de conflito conjugal

RCC - Resolução de conflito conjugal

CCA - Conflito coparental aberto

EPR - Estratégias Predominantemente de Retraimento

EPC - Estratégias Predominantemente Construtivas

EMCD - Estratégias Moderadamente Construtivas e Destrutivas

EGD - Estratégias Globalmente Destrutivas

O conflito no subsistema conjugal é um tema central de investigação sobre as relações familiares, dado o seu impacto no funcionamento psicológico das crianças e dos restantes subsistemas familiares (Rinaldi & Howe, 2003; Erel & Burman, 1995). Para tal, é necessário compreender como os membros do casal experienciam o conflito conjugal e, ao mesmo tempo, como é que este conflito pode influenciar a forma como estes se relacionam enquanto pais. Assim, esta dissertação teve como principal objetivo testar diferentes tipologias de resolução do conflito conjugal e se estas tipologias iriam estar associadas aos diferentes tipos de estratégias de resolução de conflito coparental.

Estratégias de Resolução do Conflito Conjugal

A ocorrência de conflitos é comum e transversal à maioria dos casais (Feeney & Karantzas, 2017). Globalmente, um conflito é definido como a ocorrência de uma oposição entre o casal, em que um dos membros pensa, faz, sente algo que condiciona, impossibilita ou invalida algo que o outro parceiro pensa, faz, sente ou tem intenção de fazer (Fincham, 2009). Com esta definição global de conflito, autores na área da psicologia da família não definem a existência de conflito como um indicador de problemas de funcionamento conjugal, mas sim como elemento intrínseco à própria relação conjugal (Ostenson & Zhang, 2014; Li, Zhou & Cao, 2020).

Por consequência, a investigação tem sugerido que a qualidade conjugal e outras variáveis familiares são melhor preditas não pela presença/ausência de conflito, mas sim pelas estratégias que os casais adotam para resolver os conflitos (e.g., Belsky & Fearon, 2004; Markman, 1991). A literatura tem distinguido entre estratégias de resolução de conflito construtivas e estratégias de resolução de conflito destrutivas (Huss & Pollmann-Schult, 2019; McCoy, Cummings, & Davies, 2009; Kopystynska, Barnett, & Curran, 2020; Sturge-Apple, Davies, & Cummings, 2006).

As estratégias de resolução do conflito construtivas são definidas como a capacidade de envolvimento ativo e competente em colaborar na resolução do conflito que conduza à satisfação mútua, englobando comportamentos assertivos, a existência de reciprocidade da expressão e sincronia de afeto positivo entre o casal, estratégias de cooperação e negociação focadas no problema e na manutenção da base segura entre os membros do casal (Kerig & Swanson, 2010). A investigação tem demonstrado a associação entre estratégias construtivas de resolução de conflito e um conjunto de variáveis e familiares (Campbell, Martin & Ward, 2008; Winterheld, Simpson & Oriña, 2013; Ulloa et al., 2017; Cheung, 2021). Por exemplo,

Campbell e colaboradores (2008) referiram que os parceiros dos participantes que recorreram ao humor apaziguador durante a discussão de um assunto, demonstraram um aumento de sentimentos de proximidade com os participantes, enquanto os que usaram um humor agressivo mostraram uma diminuição nos sentimentos de proximidade. O estudo de Winterheld e colaboradores (2013) sugeriu também que o humor apaziguador estava fortemente associado a baixa presença de sintomas de raiva e uma maior satisfação durante a resolução do conflito. Ulloa et al. (2017) demonstraram que a satisfação conjugal estava associada a uma maior capacidade dos membros do casal perceberem e compreenderem os sentimentos e os pontos de vista do outro durante a resolução de conflito, fazendo com que se não se verifiquem muitos conflitos entre o casal, logo, os parceiros demonstram uma maior satisfação no que toca aos seus relacionamentos. De igual forma, Cheung (2021) verificou uma relação positiva entre o conflito conjugal construtivo e a segurança/ajustamento emocional das crianças.

Por sua vez, as estratégias destrutivas de resolução de conflito são definidas como sendo as estratégias que envolvem a agressão física, isolamento, hostilidade verbal, exposição das crianças nos conflitos e, por fim, envolvem igualmente ameaças que podem pôr em causa a união da família (Davies, Myers, Cummings & Heindel, 1999; Goeke-Morey, Cummings, Harold & Shelton, 2003). A literatura distingue três tipos de estratégias destrutivas: estratégias destrutivas por raiva, por hostilidade e por evitamento/retraimento (Gottman, 1989). As estratégias destrutivas por raiva são caracterizadas por comportamentos afetivos que demonstram raiva ou até irritação, como por exemplo, críticas verbais e hostilidade não verbal (Schudlich & Cummings, 2003). As estratégias destrutivas por hostilidade são definidas como o reflexo da experiência que é manifestada através do uso de comportamentos negativos entre o casal, que incluem crítica, desprezo, sarcasmo, ironia, frieza emocional e rejeição do outro, o que pode fazer refletir desesperança e percepção de futilidade sobre a relação (Zhou & Buehler, 2019; Lima, 2009). Por fim, as estratégias por evitamento/retraimento incluem comportamentos de recusa direta e intencional de resolução de conflito, desqualificação do parceiro, comportamentos de autopreservação através de evitamento do conflito (Gottman, 1993).

Os resultados empíricos têm sugerido que estas estratégias destrutivas estão relacionadas com o aumento de problemas na relação conjugal e no funcionamento familiar (Jakubiak & Feeney, 2019; Birditt, Brown, Orbach & Mcilvane, 2010; El-Sheikh, Kelly, Koss & Rauer, 2015). Nomeadamente, no estudo de Bryant e colaboradores (2017), a hostilidade conjugal

esteve associada a mudanças nos sintomas depressivos nos membros do casal. Renshaw e investigadores (2010) revelaram que cognições relacionadas com a raiva nos membros do casal estavam associadas a maiores sentimentos de injustiça no relacionamento e subsequente maior insatisfação conjugal. Por fim, Siffert & Schwarz (2011) encontrou uma associação entre a crítica conjugal e a insatisfação conjugal.

Estudos longitudinais têm, no entanto, sugerido que as díades conjugais podem apresentar simultaneamente estratégias construtivas e destrutivas na resolução dos conflitos (Gottman & Krokoff, 1993). Por consequência, a literatura tem identificado padrões de resolução de conflito conjugal, sendo que estas tipologias apresentam maior poder preditivo do funcionamento conjugal e familiar posterior (Cohen, Geron & Farchi, 2010; Belsky & Fearon, 2004). Por exemplo, no estudo de Gottman (1993), foram encontradas três tipologias conjugais (Casal Inconstante, Casal Validador e Casal Evitante). O Casal Inconstante tende a ser muito romântico, mas tem um maior risco de existir discussões infundáveis, o Casal Validador é mais calmo e próximo, valorizando o companheirismo e a partilha de experiências, contudo ocorrem ao risco de o romance desaparecer. E, por fim, o Casal Evitante evita o confronto e o conflito, mas existe o risco de se tornarem emocionalmente distantes e apresentarem um sentimento de solidão (Gottman, 1993). Já no estudo de Lindahl e Malik (2011), foram encontradas quatro tipologias de estilos de conflito conjugal (Harmonioso, Despreocupado, Conflito-Expressivo e Conflito-Hostil). Foi possível apurar que as diferenças entre as crianças presentes em três grupos (Despreocupado, Conflito-Expressivo e Conflito-Hostil) não se encontravam na frequência do conflito, mas sim na intensidade e resolução dos mesmos. Observou-se que nas famílias que apresentavam alta coesão, as crianças relatavam baixa ameaça pelo conflito conjugal, exibindo sentimentos positivos. Contudo, quando a coesão familiar é baixa as crianças demonstram ter mais autculpabilização.

Por sua vez, no estudo de Lindahl, Malik e Wigderson (2020) foram identificadas quatro tipologias de estilos de conflito conjugal (Harmonioso, Retraimento, Conflito-Expressivo e Conflito-Hostil). Ambos os grupos exibiram altos níveis de afeto hostil e comentários depreciativos (Grupo Conflito-Hostil) relatando assim angústia conjugal. Já os casais Harmoniosos relataram maior satisfação conjugal do que os casais do Grupo de Retraimento e do Grupo Conflito-Hostil. O Grupo Retraimento relatou níveis de angústia conjugal como o Grupo Conflito-Hostil. Por fim, os casais hispânicos enquadrados no Conflito-Expressivo experienciaram um nível de satisfação conjugal semelhante ao dos casais hispânicos

enquadrados na tipologia Harmonioso, enquanto os casais americanos europeus com Conflito-Expressivo relataram estar levemente insatisfeitos.

Estratégias de Resolução Conflito Coparental

Segundo o Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade (Feinberg, 2003), a coparentalidade é definida como a forma como os pais e/ou as figuras parentais se relacionam entre si no seu papel como pais. A relação coparental estabelece-se quando dois indivíduos assumem responsabilidades compartilhadas na criação dos filhos (Feinberg, 2003). Segundo este modelo, os processos e funcionamento da relação conjugal irão influenciar positiva ou negativamente o exercício da coparentalidade (Feinberg, 2003). Mais precisamente, na existência de um caso de conflito conjugal, formas graves de conflito conjugal estimulam a ativação emocional negativa e a desregulação emocional dos pais tendo como consequência a criação de disrupções nos comportamentos coparentais, aumentando, assim, a probabilidade de conflito entre os adultos no exercício das suas responsabilidades conjuntas enquanto pais (Kerig & Swanson, 2010). Este efeito de *spillover* sugere que a díade conjugal irá transferir o mal-estar e o conflito relativos a assuntos da conjugalidade para a sua relação coparental. Por outro lado, há, no entanto, pais que são capazes de conter a hostilidade, raiva e afeto negativo dentro dos limites do subsistema conjugal, isolando a negatividade das relações conjugais nas relações coparentais (Kerig & Swanson, 2010; Lamela et al., 2018). Assim, de acordo com a hipótese de comportamentalização, os membros de díade conjugais em conflito conseguem ser capazes em se envolverem em práticas coparentais efetivas, moderando o efeito negativo do conflito conjugal no ajustamento das crianças (Sturge-Apple et al., 2014).

Estudos empíricos têm demonstrado a relação preditiva entre a relação conjugal e o funcionamento da relação coparental (Margolin, Gordis & John, 2001, Parkes, Green & Mitchell, 2019). Por exemplo, Pedro, Ribeiro e Shelton (2012) encontraram suporte para hipótese de que a coparentalidade é a mediadora entre a satisfação conjugal e as práticas parentais, sugerindo que a satisfação vivenciada na relação conjugal era transferida para a relação coparental. O estudo de Christopher e colaboradores (2015) referiu que declínios na satisfação conjugal dos maridos estavam associados a uma coparentalidade mais competitiva. Este estudo também definiu que um maior conflito conjugal estava associado a um maior investimento no papel de cuidadoras, compensando, desta forma, o impacto do conflito.

Existem estudos recentes que demonstraram que a transição para a coparentalidade é encarada por mudanças significativas na qualidade do relacionamento entre o casal – quer nos níveis de intimidade, quer nos níveis de comunicação – o que pode levar a que haja uma diminuição da qualidade conjugal (Block, 2016). Estas mudanças podem ser mais visíveis na mulher, dado que estas relatam maior ambivalência no relacionamento, o que pode aumentar posteriormente o conflito com o companheiro (Belsky & Rovine, 1990; Le, McDaniel, Leavitt & Feinberg, 2016). Assim, verifica-se que casais com baixos níveis de satisfação conjugal são mais sujeitos a demonstrar mais conflitos coparentais, sendo que este dado pode estar associado a características quer do casal, quer individualmente (Van Egeren, 2004; Korja et al., 2016).

A coparentalidade é vista como um construto multidimensional composto pelo acordo parental, divisão do trabalho relacionado com a criança, suporte/sabotagem do papel coparental, gestão conjunta da família e cooperação (Lamela, Nunes, & Figueiredo, 2010; Feinberg, 2003; Lee, Feinberg & Wells, 2020). A díade coparental pode aplicar estratégias de conflito coparental assertivas ou destrutivas para resolver possíveis problemas onde a criança está envolvida (Lamela et al., 2015). A literatura tem sugerido dois tipos de estratégias destrutivas de relacionamento coparental: as estratégias de conflito aberto e as estratégias de conflito coberto (sabotagem coparental).

O conflito coparental aberto engloba expressões como a de raiva, frustração, negatividade e, ao mesmo tempo, incorpora comportamentos quer hostis quer agressivos como principais estratégias de solucionar os problemas associados ao cuidado e à educação da criança (Figueiredo & Lamela, 2014). Este tipo de conflito tem sido associado quer a problemas de externalização e internalização nas crianças e a problemas depressivos nos membros da díade coparental (e.g., Feinberg, Kan & Hetherington, 2007; Lamela et al., 2018).

Por sua vez, o conflito coparental coberto é definido por expressões de culpa, crítica, depreciação, o que faz com que as interações sejam classificadas como competitivas ou de sabotagem entre a díade coparental (Figueiredo & Lamela, 2014). Este estilo define-se pelos comportamentos passivo-agressivos, como, por exemplo, a inclusão da criança numa conversa de forma a obter a informação pretendida (triangulação), bem como os comportamentos que são ocultados de forma global que podem incluir ressentimento, tensão entre os progenitores ou até afetos subtis que envolvam as crianças (Buehler et al., 1998). Nas crianças este tipo de estilo de conflito provoca sintomatologia de internalização, ou seja,

a criança demonstra sintomas associados a depressão, ansiedade e algum retraimento (Kelly, 2000).

Alguma investigação anterior tem sugerido que díades coparentais que utilizam estratégias de conflito coberto na resolução de conflito relativos à educação e cuidado da criança tendem a apresentar estratégias de hostilidade na resolução de conflitos conjugais (Sturge-Apple, Davies & Cummings, 2006; McRae et al., 2021). Por sua vez, estratégias de conflito aberto na relação coparental tem estado associada a maior utilização das estratégias de conflito conjugal aberto (e.g., Chen, 2020). No entanto, a investigação empírica sobre as associações diferenciais entre estratégias específicas de resolução conflito conjugal e estratégias específicas de resolução conflito coparental é muito limitada.

O presente estudo

O presente estudo, ao pretender contribuir para a compreensão das associações entre as estratégias de conflito conjugal e coparental, teve três objetivos. O primeiro objetivo foi identificar tipologias de resolução do conflito conjugal em mães portuguesas através de procedimentos de análise de *clusters*. Estratégias de resolução conflito conjugal destrutivas por raiva, por hostilidade e por retraimento e estratégias de resolução conflito conjugal construtivas foram utilizadas como as variáveis de *cluster*. O segundo objetivo foi testar se os *clusters* de resolução de conflito conjugal diferiam entre si em variáveis sociodemográficas (e.g., duração relação íntima, educação, número de filhos) e relacionais (risco de divórcio, satisfação conjugal, satisfação sexual). Por fim, o terceiro objetivo foi testar se os *clusters* diferiam entre si ao nível do conflito coparental aberto e coberto e ao nível da perceção de justiça na divisão de tarefas de cuidado do filho.

Método

Participantes

A amostra do estudo consistiu em 272 mulheres residentes em Portugal numa relação íntima. A idade das participantes variou entre os 20 e 51 anos de idade ($M = 34.80$; $SD = 5.79$). A maioria das participantes relataram ter formação ao nível de ensino superior (56.2%), sendo que 83% estavam empregadas. A média do rendimento económico mensal foi de 1205€ ($SD = 1555$). A média do relacionamento conjugal das participantes foi de 12.24 anos ($SD = 6.10$), sendo que a mediana do número de filhos se fixou em 2. A média

de idade do filho-foco foi de 3.76 anos ($SD = 3.38$; variação 2 e 6 anos), sendo 55% do sexo masculino.

Medidas

Estratégias de resolução de conflito coparental. A medida utilizada para a recolha dos dados relativos as estratégias de resolução de conflito coparental foi a Escala da Relação Coparental (ERC; Feinberg, Brown, Kan, 2012; versão portuguesa: Lamela, Morais, & Jongenelen, 2018), elaborada Feinberg, Brown, & Kan (2012). A versão portuguesa da ECR é constituída por 30 itens. Os participantes devem responder aos itens utilizando uma escala de tipo Likert ('1' não é verdadeiro sobre nós a '6' muito verdadeiro sobre nós). Para avaliar o conflito coparental aberto, foi utilizada a subescala de exposição ao conflito, sendo o conflito coparental coberto, (i.e., a sabotagem coparental) foi avaliado através subescala de sabotagem. A subescala de exposição ao conflito é composta por cinco itens, tendo como finalidade avaliar a utilização de estratégias de conflito coparental aberto na gestão da educação, bem como, na prestação de cuidados à criança (e.g., "ameaças físicas, raiva, insultos"). Por sua vez, a subescala de sabotagem é constituída por seis itens e avalia as estratégias de resolução de conflito coparental cobertas (e.g. crítica, hostilidade, competição). Os *scores* totais de ambas as subescalas foram obtidos pelo cálculo da média dos itens, em que quanto maior a pontuação, maior construto avaliado nas duas subescalas. Na versão de validação portuguesa verifica-se que a escala também apresentou coeficientes de consistência interna entre o satisfatório e o elevado em todas as subescalas (α de *Cronbach* entre 0.70 e 0.94).

Estratégias de resolução de conflito conjugal. As estratégias de RCC de hostilidade, raiva e retraimento e construtivas foram avaliadas a partir de quatro subescalas (frequência, gravidade, resolução e eficácia) da Conflicts and Problem-Solving Scales (CPS; Kerig, 1996). Nesta escala é interrogada a probabilidade que as participantes e os seus parceiros de usarem uma ERCC em particular durante disputas conjugais. Considerou-se que os itens das subescalas foram contabilizados através de uma escala de *Likert* de 4 pontos (0 'nunca' a 4 'quase sempre'), sendo representado a frequência com que as participantes e/ou seus parceiros utilizam dadas estratégias. Relativamente ao score total de cada escala, este é obtido a partir do cálculo da média dos itens que constituem esta mesma subescala (variação de 0 a 4), ou seja, quanto maior for a pontuação, maior será a utilização das estratégias de RCC avaliada pela subescala.

Verifica-se que as ERCC construtivas foram avaliadas através da subescala Cooperação (e.g., ‘Somos bons a fazer pausas quando o ambiente fica tenso’). No que toca à subescala de Agressão Verbal mediu as ERCC de hostilidade (e.g., ‘Eu critico o meu companheiro’), já a ERCC de raiva foi medida através da subescala de Agressividade Física, que avalia a ameaça e/ou utilização de coerção física no conflito conjugal (e.g., ‘Damos empurrões, puxões, agarrões ou atiramos objetos’). A ERCC de retraimento foi avaliada pela subescala Evitamento-Capitulação (e.g., ‘Amuamos, recusamos falar um com o outro’). Por fim, a consistência interna das subescalas no presente estudo foi de .84 para a subescala de Cooperação, .81 para a subescala de Agressão Verbal, .75 para a subescala de Agressão Física e .78 para a subescala de Evitamento-Capitulação.

Satisfação conjugal. Para avaliar a satisfação no relacionamento recorreu-se ao Índice de Satisfação Conjugal com quatro itens (CSI-4; Funk & Rogge, 2007; versão portuguesa: Lamela et al., 2020). Esta medida avalia a satisfação de uma pessoa com seu parceiro romântico/íntimo, incluindo felicidade (*“Por favor, selecione a resposta que melhor descreve o grau de felicidade, todos considerados, de seu relacionamento”*), satisfação (*“Em geral, quão satisfeito você está com seu relacionamento”*), recompensa (*“Quão gratificante é seu relacionamento com seu parceiro?”*) e cordialidade e conforto (*“Eu tenho um relacionamento caloroso e confortável com meu parceiro”*). Esta escala contém itens com vários formatos, onde a pontuação total varia entre 0 e 21 pontos. Quanto maior a pontuação, maior a satisfação conjugal. A versão portuguesa da escala demonstrou excelentes qualidades psicométricas (Lamela et al., 2020). A consistência interna na presente amostra é excelente ($\alpha = 0,89$).

Risco de divórcio. Quanto a este tópico usou-se a escala *Marital Instability Index-Adapted* (Booth, Johnson, & Edwards, 1983). Esta escala tem como objetivo medir a intensidade dos pensamentos, desejos e ações que podem originar na instabilidade conjugal, levando assim ao divórcio. Este instrumento é composto por 5 itens e é respondido utilizando uma escala de *Likert* de 5 pontos (de ‘1’ discordo fortemente a ‘5’ concordo fortemente). Quanto maior os *scores*, maior a instabilidade conjugal/risco de divórcio. A versão portuguesa mostrou boas qualidades psicométricas (Lamela et al., 2015). O valor de consistência interna (alfa de Cronbach) foi de .89 no presente estudo.

Percepção de justiça na divisão de tarefas. A percepção de justiça na divisão de tarefas no cuidado da criança foi avaliada com um item único: *“Considerando todas as tarefas de cuidado e educação do/a seu/sua filho/a, acha que a divisão das tarefas entre si o pai é*

justa?” As participantes respondiam numa escala de Likert 7 pontos (de ‘1’ totalmente injusta a ‘7’ totalmente justa). A utilização de um único item para avaliar percepção de justiça na divisão de tarefas já foi aplicada em estudos anteriores (Biehle & Mickelson, 2012).

Satisfação sexual. A satisfação sexual foi avaliada com recurso a um item único (*“Nos últimos dois meses, o quão satisfeita se sente com a vida sexual com o seu companheiro?”*), usando uma escala de Likert de 7 de pontos (‘1’ totalmente insatisfeita a ‘7’ totalmente satisfeita). A adequação da avaliação da satisfação sexual com recurso a itens único foi estabelecida previamente (Mark et al., 2014).

Procedimentos

No sentido de recolher o maior número de dados, recorreu-se à construção de um inquérito online, onde se delimitaram-se quatro critérios de inclusão: (1) ser do sexo feminino, (2) ter mais de 18 anos de idade, (3) residir em Portugal e (4) ter filhos na idade pré-escolar. Este inquérito esteve disponível entre os meses abril e julho de 2018 na plataforma online (survs.com).

Inicialmente, apresentou-se o consentimento informado onde estavam descritos: (a) objetivos da investigação, (b) critérios de inclusão, (c) procedimentos do estudo, (d) questões de confidencialidade, (e) procedimentos de consentimento ou não consentimento de participação, (f) métodos de tratamentos dos dados e (g) contatos da equipa de investigação. Garantiu-se o total anonimato das respostas, sendo que não foram questionadas informações que pudessem diretamente identificar a praticante (e.g., nome ou e-mail), nem recolhida qualquer informação passível de identificação informática. Para obter o consentimento informado, as participantes tinham de optar pela opção de “página seguinte”, que correspondia ao acesso ao inquérito, cujo tempo estimado de preenchimento foi de 15 a 20 minutos. O recrutamento das participantes foi realizado através de fóruns online e divulgação em redes sociais e meios de comunicação social.

De modo a garantir a qualidade dos dados, utilizaram-se várias recomendações metodológicas e éticas para a investigação online da *American Psychological Association*, como por exemplo, a aplicação de procedimentos de consentimento informado e o desenho de um plano parcimonioso de recrutamento de participantes. Também foram aplicados procedimentos de proteção contra amostras potencialmente enviesadas, como a inclusão de uma pergunta relativa ao número de vezes que a participante respondeu ao mesmo, assim

como, a inclusão de sete itens de avaliação da validade de respostas (*The Directed Questions Scale* - DQS, Maniaci & Rogge, 2014). Quanto aos itens de validade das respostas da DQS (e.g., “Deixe este item por responder”, “Este é um item de controlo. Deixe este item em branco”, “Este é um item de controlo. Selecione a opção “Concordo totalmente”), tiveram como objetivo a identificação de respostas ao questionário dadas eventualmente ao caso ou com baixo nível de atenção e/ou esforço. Conforme os procedimentos indicados pelos autores, as participações com duas ou mais respostas incorretas nestes itens de controlo mencionados anteriormente foram eliminados da amostra final de participação, dado que não cumpriam os critérios de fiabilidade das respostas (Maniaci & Rogge, 2014).

Seguidamente à recolha de dados, realizaram-se procedimentos de limpeza de dados em investigações com recolha de dados online, apoiado pelas recomendações de Funk e Rogge (2007). Posto isto, foram eliminadas participantes que: (1) não cumpriram os critérios de inclusão, (2) afirmaram não ser a primeira a vez que estavam a responder ao protocolo; (3) não completaram 70% do total do protocolo e/ou deixaram quatro itens por preencher do instrumento que avaliava a variável dependente (4) responderam incorretamente a dois ou mais itens de controlo da DQS (Maniaci & Rogge, 2014). De 296 participações contabilizadas pelo sistema informático de recolha de dados, foram anuladas 54 participações (18.2% do total de participantes) por não cumprirem pelo menos um dos quatro critérios mencionados em cima. Considerando estas informações foram eliminadas: (i) 20 participantes por não cumprirem os critérios de inclusão (9 eram do sexo masculino, 6 tinham filhos com idade superior a 6 anos, 2 não estavam em território português e 3 não estavam numa relação romântica com o pai do filho), (ii) 2 participantes por estas afirmarem que não foi a primeira vez que responderam ao questionário, (iii) 18 por não terem completado em pelo menos 70% do protocolo e (iv) 14 participantes por terem respondido incorretamente a dois ou mais itens de controlo da DQS.

Estratégia de Análise de Dados

Foi conduzida inicialmente uma análise correlacional bivariada para preliminarmente observar a significância, força e direccionalidade das correlações entre as principais variáveis em estudo. De seguida, as subescalas de Cooperação (ERC construtivo), Agressão Verbal (ERC hostilidade), Agressividade Física (ERC raiva) e Retraimento (ERC retraimento) do *Conflicts and Problem-Solving Scales* foram utilizados para conduzir as análises de *cluster*. Em primeiro, com o objetivo de estabelecer o número de *clusters*,

realizou-se uma análise de *clusters* hierárquica (distância Euclidiana standardizada, método de aglomeração hierárquica de Ward). Foi realizada uma verificação visual dos outputs da análise de *clusters* hierárquica (i.e., análise do dendograma, o gráfico da distância euclidiana e esquema de aglomeração) para identificar a solução ótima de *clusters*. Com o objetivo de confirmar esta solução, foi conduzida uma análise de *cluster* K-means, com distância Euclidiana quadrada como o índice de similaridade (z-scores). ANOVAS e testes de qui quadrado foram realizadas para testar as diferenças entre os grupos de estratégias de resolução de conflito conjugal ao nível das variáveis sociodemográficas, satisfação conjugal, satisfação sexual e conflito coparental aberto e coberto. Todas as ANOVAs significativas foram seguidas pelo teste *post-hoc* de Tukey-Kramer para identificar diferenças significativas entre os grupos.

Resultados

Análises preliminares

A Tabela 1 apresenta as médias e o desvio-padrão e as correlações bivariadas das principais variáveis do estudo. Na globalidade, as associações entre as variáveis do estudo apresentaram associações significativas nas direções esperadas, à exceção das estratégias de resolução de conflito destrutivas por retraimento, hostilidade e raiva que não se mostraram significativamente associadas ao conflito coparental aberto e sabotagem coparental (conflito coparental coberto).

Tabela 1. Médias, Desvios-Padrão e Correlações Bivariadas entre as Principais Variáveis

Variável	Média	SD	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.
1. Estratégias construtivas	3.05	0.91	-								
2. Estratégias retraimento	2.10	0.72	-.09***	-							
3. Estratégias hostilidade	1.80	0.72	-.38***	.35	-						
4. Estratégias raiva	1.82	0.81	-.39***	.22	.62	-					
5. Satisfação conjugal	18.92	4.03	.43	-.21***	-.43***	-.31***	-				
6. Satisfação sexual	4.87	1.84	.20	-.15***	-.22***	-.16***	.49	-			
7. Risco de divórcio	1.73	0.82	-.40***	.20	.45	.32	-.65***	-.37***	-		
8. Sabotagem coparental	1.57	1.00	-.29***	.28	.41	.31	-.46***	-.24***	.38	-	
9. Conflito coparental aberto	1.56	0.75	-.34***	.22	.36	.43	-.38***	-.12***	.41	.42	-
10. Justiça divisão tarefas	4.47	1.92	.31	-.18***	-.23***	-.14***	.50	.32	-.34***	-.29***	-.29***

Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$

Perfis de Estratégias de Resolução Conflito Conjugal

Análise de *clusters*. Utilizaram-se quatro dimensões da resolução de conflito conjugal para realização dos *clusters*: ERCC raiva, de hostilidade, de retraimento e ERCC

construtivas. A verificação visual dos outputs da análise de *clusters* hierárquica sugeriu uma solução ótima de quatro *clusters*. A análise K-means confirmou esta solução. ANOVAs subsequentes (com correção Bonferroni) revelaram que as variáveis usadas para realizar os *clusters* eram significativamente diferentes entre os quatros *clusters* (Tabela 2).

Tabela 2. *Diferenças entre os Perfis de Resolução de Conflito Conjugal nas Variáveis de Clustering*

Variável	P1. EPR (n = 51)		P2. EPC (n = 85)		P3. EMCD (n = 88)		P4. EGD (n = 48)		Teste de diferenças entre perfis	
	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	F(3, 271)	Contrastes entre perfis ^a
ERCC raiva	1.59	0.5	1.38	0.5	1.61	0.4	3.25	0.5	121.19	4 > 3, 1 > 2
ERCC hostilidade	2.06	0.6	1.29	0.3	1.62	0.3	2.78	0.8	74.55	4 > 1 > 3 > 2
ERCC retraimento	2.99	0.6	1.85	0.5	1.69	0.4	2.35	0.7	63.4	1 > 4 > 2, 3
ERCC construtivas	3.08	0.8	3.99	0.5	2.56	0.5	2.21	0.7	130.41	2 > 1 > 3 > 4

Nota. ANOVAs para as diferenças entre os grupos foram significativas a $p < .001$. ^aDiferenças significativas entre os grupos a $p < .05$, usando o teste Tukey-Kramer. P1.EPR= Estratégias Predominantemente de Retraimento. P2.EPC= Estratégias Predominantemente Construtivas (EPC). P3.EMCD= Estratégias Moderadamente Construtivas e Destrutivas. P4.EGD= Estratégias Globalmente Destrutivas.

Definição dos perfis. As médias e os desvios-padrão para as estratégias de resolução de conflito conjugal para cada *cluster*, assim como as diferenças por cada *cluster* estão descritas na Tabela 2. Os *clusters* foram rotulados em função das suas dimensões mais salientes, em função dos resultados dos teste post-hoc Tukey-Kramer. Assim, o *cluster* 1 (18.8 % da amostra) relatou os *scores* médios mais elevados em ERCC de retraimento e níveis moderados de ERCC de raiva, hostilidade e construtivas. Com efeito, este *cluster* foi denominado por Estratégias Predominantemente de Retraimento (EPR). O *cluster* 2 (31.2% da amostra), por sua vez, relatou os níveis mais elevados de ERCC construtivas e os níveis mais reduzidos de ECRR destrutivas (raiva, hostilidade e retraimento), tendo sido identificado por Estratégias Predominantemente Construtivas (EPC) O *cluster* 3 (32.4% da amostra) relatou níveis moderados de ECRR de raiva, hostilidade e construtivas e baixos níveis de ERCC de retraimento. Foi, por isso, rotulado como Estratégias Moderadamente Construtivas e Destrutivas (EMCD). Finalmente, o *cluster* 4 (17.6% da amostra) relatou os níveis mais elevados de ERCC de raiva e hostilidade, níveis moderados de ERCC de retraimento e os níveis mais reduzidos de ECRR construtivas, tendo sido denominado como Estratégias Globalmente Destrutivas (EGD).

Diferenças entre os Perfis nas Variáveis Demográficas e Conjugais

O segundo objetivo foi testar se os *clusters* de resolução de conflito conjugal diferiam entre si em variáveis sociodemográficas e conjugais (risco de divórcio, satisfação conjugal, satisfação sexual). Ao nível das variáveis sociodemográficas, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os perfis ao nível da idade, número de filhos e número de anos de relacionamento (Tabela 3). Não foram também encontradas diferenças entre os perfis ao nível da escolaridade, $\chi^2 = 7.94$, *ns*.

Ao nível da satisfação conjugal, o perfil Estratégias Predominantemente Construtivas (perfil 2) apresentou os maiores níveis de satisfação conjugal (Tabela 3). De acordo com os resultados da ANOVA, seguidos no test post-hoc Tukey-Kramer, os perfis Estratégias Predominantemente de Retraimento (perfil 1) e Estratégias Moderadamente Construtivas e Destrutivas (perfil 3) apresentaram níveis intermédios de satisfação conjugal, sendo que as participantes do perfil Estratégias Globalmente Destrutivas (perfil 4) exibiram os valores mais baixos de satisfação conjugal. Ao nível da satisfação conjugal, os perfis Estratégias Predominantemente Construtivas e Estratégias Moderadamente Construtivas e Destrutivas apresentaram os níveis mais elevados, sendo que os outros dois perfis revelaram os níveis mais reduzidos de satisfação sexual. Estes dois últimos perfis (Estratégias Globalmente Destrutivas e Estratégias Predominantemente de Retraimento) apresentaram os valores mais elevados de risco de divórcio, o perfil Estratégias Moderadamente Construtivas e Destrutivas revelou níveis intermédios, sendo que as participantes do perfil Estratégias Predominantemente Construtivas exibiram os níveis mais baixos de risco de divórcio.

Tabela 3. Diferenças entre os Perfis de RCC nas Variáveis Demográficas, Conjugais e Coparentalidade

Variável	P1. EPR (n = 51)		P2. EPC (n = 85)		P3. EMCD (n = 88)		P4. EGD (n = 48)		Teste de diferenças entre perfis	
	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	F(3, 271)	Contrastes entre perfis ^a
Idade	34.9	5.8	34.4	6.5	35.3	5.1	34.9	5.7	11.709	<i>ns</i>
Número filhos	2.82	0.9	2.60	0.8	2.44	0.7	2.65	0.9	1.604	<i>ns</i>
Anos de relação	12.4	5.4	11.4	6.7	12.8	5.9	12.5	6.2	25.983	<i>ns</i>
Satisfação conjugal	17.7	3.9	20.8	3.2	18.9	3.9	16.5	3.9	15.622***	2 > 3, 1 > 4
Satisfação sexual	4.40	2.1	5.83	1.7	5.32	1.7	4.33	1.8	4.42**	2, 3 > 1, 4
Risco de divórcio	1.92	0.9	1.37	0.6	1.68	0.8	2.28	0.9	15.81***	4, 1 > 3 > 2
Sabotagem coparental	1.83	1.3	1.23	0.5	1.34	0.6	2.29	1.4	15.17***	4, 1 > 2, 3
Conflito coparental aberto	1.58	0.7	1.27	0.4	1.46	0.6	2.23	1.1	20.14***	4 > 1, 3, 2
Justiça divisão tarefas	4.11	1.9	5.07	1.8	4.34	1.9	3.77	1.9	4.12**	2 > 1, 3 > 4

Nota. ANOVAs para as diferenças entre os grupos foram significativas a $p < .001$. ^aDiferenças significativas entre os grupos a $p < .05$, usando o teste Tukey-Kramer. P1.EPR= Estratégias Predominantemente de Retraimento. P2.EPC= Estratégias Predominantemente Construtivas (EPC). P3.EMCD= Estratégias Moderadamente Construtivas e Destrutivas. P4.EGD= Estratégias Globalmente Destrutivas.

Diferenças entre os Perfis no Conflito Coparental e Justiça Divisão de Tarefas

O terceiro objetivo foi testar se os *clusters* de resolução de conflito conjugal diferiam entre si ao nível do conflito coparental aberto e sabotagem coparental (i.e., conflito coparental coberto) e da perceção de justiça na divisão de tarefas de cuidado dos filhos. As ANOVA, seguidas do teste Tukey-Kramer, revelaram os perfis diferiam estatisticamente entre si nestas três variáveis (Tabela 3). Ao nível da sabotagem coparental (i.e., conflito coparental coberto), os perfis Estratégias Globalmente Destrutivas e Estratégias Predominantemente de Retraimento apresentaram os níveis mais elevados de sabotagem, sendo que as participantes dos outros dois perfis apresentaram os níveis mais reduzidos. Por sua vez, as mães do perfil Estratégias Globalmente Destrutivas relaram os níveis mais elevados de conflito coparental aberto, não havendo diferenças estatisticamente significativas entre os restantes perfis. Por fim, as participantes do perfil Estratégias Predominantemente Construtivas revelaram níveis mais elevados de perceção de justiça na divisão de tarefas de cuidado aos filhos, as participantes dos perfis Estratégias Predominantemente de Retraimento e Estratégias Moderadamente Construtivas e Destrutivas relataram níveis intermédios e as participantes do perfil Estratégias Globalmente Destrutivas apresentaram os níveis mais baixo de perceção de divisão justa de tarefas.

Por fim, a Tabela 4 apresenta a caracterização de cada um dos perfis com base nos resultados estatísticos ao nível das variáveis conjugais e coparentais.

Tabela 4. Caracterização dos perfis em função dos scores nas variáveis conjugais e coparentais

Perfil 1	Perfil 2	Perfil 3	Perfil 4
Estratégias Predominantemente de Retraimento (EPR)	Estratégias Predominantemente Construtivas (EPC)	Estratégias Moderadamente construtivas e destrutivas (EMCD)	Estratégias Globalmente Destrutivas (EGD)
Moderada satisfação conjugal	Elevada satisfação conjugal	Moderada satisfação conjugal	Baixa satisfação conjugal
Baixa satisfação sexual	Elevada satisfação sexual	Baixa satisfação sexual	Baixa satisfação sexual
Elevado risco divórcio	Baixo risco divórcio	Elevado risco divórcio	Elevado risco divórcio
Elevada sabotagem coparental	Baixa sabotagem coparental	Moderado risco divórcio	Elevada sabotagem coparental
Baixo conflito coparental aberto	Baixo conflito coparental aberto	Baixa sabotagem coparental	Elevado conflito coparental aberto
Baixo conflito coparental aberto	Elevada perceção justiça divisão tarefas	Baixo conflito coparental aberto	Baixo conflito coparental aberto
Moderada perceção justiça divisão tarefas		Moderada perceção justiça divisão tarefas	Baixa perceção justiça divisão tarefas

Discussão

O presente estudo tinha três objetivos. Em primeiro, foi testada a identificação de tipologias/perfis de estratégias de resolução de conflito conjugal em mães portuguesas através de análise de *clusters*. Em segundo, foram testados se os perfis de estratégias de resolução de conflito conjugal diferiam entre si ao nível das variáveis sociodemográficas (idade, duração relação íntima, número de filhos e escolaridade) e conjugais (satisfação conjugal, satisfação sexual e risco de divórcio). Em terceiro, testamos se os perfis diferiam entre si, quer ao nível do conflito coparental aberto e coberto (sabotagem coparental), quer ao nível de perceção de justiça quando existe tarefas de cuidado do filho que têm de ser partilhadas.

Em relação ao primeiro objetivo, foi possível identificar quatro *clusters* de resolução de conflito conjugal, sendo o primeiro dominado por Estratégias Predominantemente de Retraimento (EPR), onde estavam presentes níveis mais elevados de ERCC de retraimento e níveis moderados de ERCC de raiva, hostilidade e construtivas. O segundo *cluster* encontrado foi identificado por Estratégias Predominantemente Construtivas (EPC), que apresentou níveis mais elevados de ERCC construtivas e níveis menores ERCC destrutivas (raiva, hostilidade e retraimento). O terceiro *cluster* foi rotulado por Estratégias Moderadamente Construtivas e Destrutivas (EMCD), cujas participantes relataram níveis moderados de ERCC de raiva, hostilidade e construtivas e baixo nível de ERCC de retraimento. Por fim, foi identificado um quarto *cluster* denominado como Estratégias Globalmente Destrutivas (EGD), que apresentou níveis mais elevados de ERCC de raiva e hostilidade, níveis moderados de ERCC de retraimento e níveis mais reduzidos de ERCC construtivas. As tipologias encontradas apresentam similaridades com o estudo de Lindahl e colaboradores (2020), onde estes encontraram igualmente quatro perfis – Harmonioso, Retraimento, Conflito-Expressivo, Conflito-Hostil – criados através da satisfação conjugal, conflito coparental e o conflito percecionado pelos filhos. O perfil Conflito-Hostil é correspondente ao nosso perfil EGD, apresentando maior relatos de conflito e menor satisfação conjugal comparando com os restantes três perfis. Em contrapartida, o perfil Harmonioso é equivalente ao nosso perfil EPC, obtendo maior satisfação conjugal e menos conflito. É, também possível, verificar que o perfil Conflito-Expressivo é semelhante ao perfil EMCD obtendo resultados de moderada satisfação conjugal e de relato de conflito, e, por fim, o perfil Retraimento é idêntico ao perfil EPR tendo moderada satisfação conjugal, mas alto conflito.

Relativamente ao segundo objetivo, foi possível observar que os perfis se diferenciaram entre si na satisfação conjugal, satisfação sexual e risco de divórcio. Quanto a satisfação conjugal, constatou-se que o perfil EGD apresentou a menor satisfação conjugal, em comparação com os restantes perfis. Este resultado pode ser explicado a partir da literatura que sugere que as ERCC predominantemente destrutivas estão associadas a menor satisfação conjugal (e.g., Siffert & Schwarz, 2011), tornado os casais mais propensos a demonstrar precocemente conflito coparental (Van Egeren, 2004; Korja et al., 2016). Os resultados estão em linha com a investigação anterior que sugere a interligação entre conflito conjugal, satisfação conjugal e satisfação sexual, sendo que os casais com ERCC destrutivas apresentam maior risco de divórcio e/ou instabilidade conjugal (Gottman, 1993; Hahlweg & Richter, 2010). Por sua vez, o perfil EPC apresentou elevada satisfação conjugal, o que pode explicar o baixo risco de divórcio, tal como é corroborado por investigações anteriores que demonstram que as estratégias de resolução de conflito mais construtivas estão associadas a maior satisfação sexual (Gottman & Tabares, 2018; Rinaldi & Howe, 2003), menor risco de divórcio (Gottman, 1993; Hahlweg & Richter, 2010) e maior sentimento de intimidade e sentido de um futuro em conjunto (Sierau & Herzberg, 2011).

Ainda nas variáveis relacionais, os perfis EPR e EMCD apresentaram similaridades no nível moderado de satisfação conjugal, que pode ser justificado a partir da investigação de Rands, Levinger & Mellinger (1981 como citado em Greeff & De Bruyne, 2011), que encontrou que a satisfação conjugal tende a baixar quando o casal aumenta ou evita os seus conflitos, principalmente quando um dos elementos do casal é visto como intransigente. Contudo, na satisfação sexual e no risco de divórcio os dois perfis diferiram. O perfil EMCD apresentou elevada satisfação sexual e moderado risco de divórcio. Levantamos a hipótese que os níveis de ERCC construtivas nestes perfis podem *amortecer* parcialmente o efeito negativo das ERCC destrutivas, uma vez que as estratégias tendem a envolver as opiniões de ambos para a resolução do conflito conseguindo assim promover maior confiança e intimidade entre o casal (Li et al., 2020). Em contrapartida, o perfil EPR apresentou baixa satisfação sexual e elevado risco de divórcio, que pode ser parcialmente explicado pela existência de estratégias de retraimento que, em estudos anteriores, foram associados a resultados negativos para a intimidade relacional e para relação com os filhos, uma vez que minam a confiança entre os membros da díade (Cox, Paley, Payne, & Burchinal, 1999; Katz & Gottman, 1993 como citado em Feinberg, 2003).

Relativamente ao terceiro objetivo, os resultados indicaram que os perfis se distinguiram entre si, tanto ao nível do conflito coparental aberto, ao nível da sabotagem coparental (i.e., conflito coparental coberto) e quer ao nível da perceção de justiça na divisão de tarefas de cuidados da criança. Os perfis EPR e EGD apresentaram níveis elevados de sabotagem coparental, quando comparados com os perfis EPC e EMCD. Estes resultados estão em linha com as definições teóricas de conflito por retraimento e sabotagem coparental, uma vez que estes conceitos partilham semelhanças ao nível das táticas de resolução de conflito. O retraimento, que é globalmente definido como como evitamento ou recusa em discutir o tópico do conflito, ficar em silêncio ou até mesmo atrasar a discussão do assunto conjugal (Özgüç & Tanrıverdi, 2018), tem sido associado a estratégias de sabotagem coparental, em que os membros da díade podem interferir ativamente ou minar as interações do outro pai com o filho/a, através de comentários depreciativos sobre o comportamento ou carácter do outro de forma a prejudicar a relação pai-filho/mãe-filho (McHale et al., 1996; Katz & Gottman, 1996 como citado em Cox, Paley & Harter, 2001). Os níveis mais reduzidos de sabotagem coparental nos perfis EPC e EMCD podem sugerir que a adoção de estratégias de resolução de conflito conjugal globalmente menos destrutivas e balanceadas com estratégias construtivas nestes perfis podem funcionar como fator protetor de transferência do conflito na díade conjugal para as relações entre a díade coparental (Kerig & Swanson, 2010; Lamela & Figueiredo, 2016).

No que diz respeito ao conflito coparental aberto (CCA), o perfil EPR e EGD diferiram entre si, sendo que o perfil EPR apresentou baixo CCA e o perfil EGD apresentou níveis elevados de CCA. Tal diferença pode ser justificada pelas diferenças entre os perfis nas estratégias de resolução de conflito conjugal, em que o perfil EGD adota níveis mais elevados de raiva e hostilidade, o que pode potenciar a transferência destas estratégias para resolução de tarefas coparentais, materializando em conflito coparental aberto (Kerig & Swanson, 2010). Esta hipótese tem sustentação na literatura, uma vez que quando existe o CCA verifica-se que este é fortemente associado a comportamentos parentais incoerentes (Krishnakumar & Buehler, 2000). Estes resultados encontram-se também com o estudo de Li et al. (2011), que demonstrou que o controlo coercivo e psicológico na relação conjugal está positivamente associado à adoção de conflito aberto na relação coparental. Assim, os nossos resultados parecem apontar que o conflito coparental aberto pode não estar associado a uma estratégia de resolução de conflito conjugal específica (em particular a ERCC por raiva), sendo que pode ser necessário a presença simultânea de diferentes estratégias

destrutivas e ausência de estratégias construtivas para o conflito conjugal ser transferido para a relação coparental. Esta hipótese deve ser testada no futuro, com recurso a uma análise longitudinal da relação causa-efeito entre as ERCC e as estratégias de resolução conflito coparental.

Por fim, relativamente à perceção de justiça da divisão das tarefas, as mães do perfil EGD apresentaram a mais baixa perceção de justiça, o que pode ser consequência do funcionamento conjugal e coparental característico deste perfil. Quando as expetativas não são concretizadas, a investigação sugere que há um aumento de um sentimento de injustiça e ressentimento, levando assim a um maior stress que pode ter um impacto negativo na satisfação conjugal (Goodnow, 1998; Feinberg, 2003; Biehle & Mickelson, 2012), que foi também encontrado neste perfil. Em contrapartida, o perfil EPC apresenta elevada perceção, que pode estar associada à avaliação que as suas expetativas sobre o papel do pai nas tarefas de cuidado estão a ser cumpridas (C. P. Cowan, 1988; Hackel & Ruble, 1992; MacDermid, Juston, & McHale, 1990 como citado em Feinberg, 2003). Um estudo recente sugeriu que o cumprimento das expectativas na divisão de tarefas coparentais estava associado a maior satisfação conjugal e menor conflito conjugal (Lamela, Figueiredo, Jongenelen, Morais, & Simpson, 2020).

Em suma, os nossos resultados parecem corroborar a investigação anterior que sugeriu que o conflito conjugal destrutivo tem sido associado a uma menor cooperação e autocontrolo nas interações coparentais, que irão influenciar indiretamente as práticas parentais negativas (e.g., Feinberg, 2003; Hosokawa & Katsura, 2017; Kerig & Swanson, 2010).

Limitações do estudo

Apesar do seu contributo, o presente estudo deve ser analisado tendo em conta algumas limitações a considerar na interpretação dos resultados. Primeiramente, o estudo teve um *design* transversal, o que não permite estabelecer relações de causa e efeito entre os construtos em estudo. Investigações futuras devem implementar um *design* longitudinal para testar o efeito preditivo das tipologias de resolução conflito conjugal nas variáveis conjugais e nas relações coparentais. Em segundo, este estudo foi realizado com uma amostra somente de mães numa relação íntima heterossexual. Apesar da homogeneidade nas características demográficas das participantes ter permitido aumentar o poder estatístico das análises, a possibilidade de generalizações dos resultados a homens (pais), pais e mães com outro estado

civil (e.g., divorciados) e díades coparentais do mesmo sexo está limitada. Em terceiro, os construtos foram avaliados somente através de medidas de autorrelato. A utilização adicional de metodologias observacionais poderia contribuir para a triangulação de dados e reduzir a variância de método comum.

Implicações para a prática em Psicologia da Justiça

Os nossos resultados podem contribuir para a avaliação e intervenção psicológicas em contextos de justiça. O conflito conjugal deve ser avaliado de uma forma multidimensional, tendo em consideração as diferentes estratégias de resolução de conflito (destrutivas e construtivas), uma vez que o presente estudo mostra que as interações entre as ERCC estão associadas ao conflito coparental. Assim, é de especial interesse para a prática profissional na Psicologia da Justiça o investimento dos profissionais na criação de intervenções/programas que agreguem o conflito conjugal e conflito coparental, tendo como objetivo a celeridade na solução da problemática, tentando diminuir as consequências que advém do conflito presente no sistema familiar.

Referências

- Belsky, J., & Fearon, R. P. (2004). Exploring marriage–parenting typologies and their contextual antecedents and developmental sequelae. *Development and Psychopathology*, 16(3), 501-523. <https://doi.org/10.1017/S095457940400464X>.
- Belsky, J., & Rovine, M. (1990). Patterns of marital change across the transition to parenthood: Pregnancy to three years postpartum. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 5-19. <https://doi.org/10.2307/352833>.
- Biehle, S. N., & Mickelson, K. D. (2012). First-time parents' expectations about the division of childcare and play. *Journal of Family Psychology*, 26, 36–45. <https://doi.org/10.1037/a0026608>.
- Birditt, S., Brown, E., Orbuch, T. & McIlvane, J. (2010). *Marital Conflict Behaviors and Implications for Divorce Over 16 Years*, 72(5), 1188–1204. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00758.x.
- Block, J. (2016). *Relationship satisfaction and coparenting over the transition to parenthood: Depression, division of labor, and child temperament as moderators*. Dissertação de mestrado não publicada, Old Dominion University.

- Booth, A., Johnson, D. R., White, L. K., & Edwards, J. N. (1985). Predicting divorce and permanent separation. *Journal of Family Issues*, 6(3), 331-346.
<https://doi.org/10.1177/019251385006003005>.
- Bryant, V., Wickrama, K. A. S., O'Neal, C. W., & Lorenz, F. O. (2017). Family hostility and depressive symptoms in middle-aged couples: Moderating effect of marital integration. *Journal of Family Psychology*, 31(6), 765-774.
<https://doi.org/10.1037/fam0000306>.
- Buehler, C., Krishnakumar, A., Stone, G., Anthony, C., Pemberton, S., Gerard, J., & Barber, B. K. (1998). Interparental conflict styles and youth problem behaviors: A two-sample replication study. *Journal of Marriage and the Family*, 119-132.
<https://doi.org/10.2307/353446>.
- Campbell, L., Martin, R. A., & Ward, J. R. (2008). An observational study of humor use while resolving conflict in dating couples. *Personal Relationships*, 15, 41-55.
<https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2007.00183.x>.
- Chen, B. B. (2020). The relationship between Chinese mothers' parenting stress and sibling relationships: A moderated mediation model of maternal warmth and coparenting. *Early Child Development and Care*, 190(9), 1350-1358.
<https://doi.org/10.1080/03004430.2018.1536048>.
- Cheung, R. Y. (2021). Constructive interparental conflict and child adjustment in the Chinese context: A moderated mediation model of emotional security and disintegration avoidance. *Journal of Child and Family Studies*, 30(3), 733-745.
<https://doi.org/10.1007/s10826-020-01851-w>.
- Christopher, C., Umemura, T., Mann, T., Jacobvitz, D., & Hazen, N. (2015). Marital quality over the transition to parenthood as a predictor of coparenting. *Journal of Child and Family Studies*, 24(12), 3636-3651. <https://doi.org/10.1007/s10826-015-0172-0>.
- Cohen, O., Geron, Y., & Farchi, A. (2010). A typology of marital quality of enduring marriages in Israel. *Journal of Family Issues*, 31(6), 727-747.
<https://doi.org/10.1177/0192513X09358566>.
- Cox, M., Paley, B., & Harter, K. (2001). Interparental Conflict and Parent-Child Relationships. In Grych, J. H. & Fincham, F. D. (Eds.) *Interparental Conflict and Child Development: Theory, Research, and Application* (pp. 249-272). Cambridge University Press.

- Davies, P. T., Myers, R. L., Cummings, E. M., & Heindel, S. (1999). Adult conflict history and children's subsequent responses to conflict: An experimental test. *Journal of Family Psychology*, 13(4), 610-628. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.13.4.610>.
- El-Sheikh, M., Kelly, R. J., Koss, K. J., & Rauer, A. J. (2015). Longitudinal relations between constructive and destructive conflict and couples' sleep. *Journal of Family Psychology*, 29(3), 349–359. <https://doi.org/10.1037/fam0000083>.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118, 108–132. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.118.1.108>.
- Feeney, J. A., & Karantzas, G. C. (2017). Couple conflict: insights from an attachment perspective. *Current Opinion in Psychology*, 13, 60-64. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.04.017>.
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-131. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01.
- Feinberg, M. E., Kan, M. L., & Hetherington, E. M. (2007). The longitudinal influence of coparenting conflict on parental negativity and adolescent maladjustment. *Journal of Marriage and Family*, 69(3), 687-702. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2007.00400.x>.
- Feinberg, M., Brown, L., & Kan, M. (2012). A multi-domain self-report measure of coparenting. *Parenting: Science and Practice*, 12, 1-21. <https://doi.org/10.1080/15295192.2012.638870>.
- Figueiredo, B., & Lamela, D. (2014). Parentalidade e coparentalidade: Conceitos básicos e programas de intervenção. P. Dias e V. Sousa-Lima (Eds.). *Contributos para a intervenção em Psicologia* (pp.151-172).
- Fincham, F. (2009) Marital Conflict. In H. Reis & S. Sprecher (Eds.) *Encyclopedia of human relationships* (pp. 298-303). SAGE Publications, Inc.
- Funk, J. L., & Rogge, R. D. (2007). Testing the ruler with item response theory: Increasing precision of measurement for relationship satisfaction with the Couples Satisfaction Index. *Journal of Family Psychology*, 21(4), 572–583. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.21.4.572>.
- Goeke-Morey, M. C., Cummings, E. M., Harold, G. T., & Shelton, K. H. (2003). Categories and continua of destructive and constructive marital conflict tactics from the

- perspective of US and Welsh children. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 327-338. doi: 10.1037/0893-3200.17.3.327.
- Goodnow, J. J. (1998). Beyond the overall balance: The significance of particular tasks and procedures for perceptions of fairness in distributions of household work. *Social Justice Research*, 11(3), 359-376. <https://doi.org/10.1023/A:1023295018444>.
- Gottman, J. M. (1993). The roles of conflict engagement, escalation, and avoidance in marital interaction: a longitudinal view of five types of couples. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61, 6-15. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.61.1.6>.
- Gottman, J. M., & Krokoff, L. J. (1989). Marital interaction and satisfaction: A longitudinal view. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57, 47–52. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.57.1.47>.
- Gottman, J., & Tabares, A. (2018). The effects of briefly interrupting marital conflict. *Journal of Marital and Family Therapy*, 44, 61-72. <https://doi.org/10.1111/jmft.12243>.
- Greeff, A., & De Bruyne, T. (2011). Conflict Management Style and Marital Satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 26(4), 321-334. <https://doi.org/10.1080/009262300438724>.
- Hahlweg, K., & Richter, D. (2010). Prevention of marital instability and distress. Results of an 11-year longitudinal follow-up study. *Behaviour Research and Therapy*, 48(5), 377–383. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2009.12.010>.
- Hosokawa, R., & Katsura, T. (2017). Marital relationship, parenting practices, and social skills development in preschool children. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 11(1), 1-8. <https://doi.org/10.1186/s13034-016-0139-y>.
- Huss, B., & Pollmann-Schult, M. (2019). Relationship satisfaction across the transition to parenthood: The impact of conflict behavior. *Journal of Family Issues*, 41(3), 1-29. <https://doi.org/10.1177/0192513X19876084>.
- Jakubiak, B. K., & Feeney, B. C. (2019). Hand-in-hand combat: Affectionate touch promotes relational well-being and buffers stress during conflict. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 45(3), 431-446. <https://doi.org/10.1177/0146167218788556>.

- Kelly, J. B. (2000). Children's adjustment in conflicted marriage and divorce: A decade review of research. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 39(8), 963-973. <https://doi.org/10.1097/00004583-200008000-00007>.
- Kerig, P. K. (1996). Assessing the links between interparental conflict and child adjustment: The conflicts and problem-solving scales. *Journal of Family Psychology*, 10(4), 454–473. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.10.4.454>.
- Kerig, P., & Swanson, J. A. (2010). Ties that bind: Triangulation, boundary dissolution, and the effects of interparental conflict on child development. In M. Schulz, M. Pruett, P. Kerig, & R. . Parke (Eds.), *Strengthening couple relationships for optimal child development: Lessons from research and intervention*. (pp. 59–76). Washington, DC: American Psychological Association.
- Kopystynska, O., Barnett, M. A., & Curran, M. A. (2020). Constructive and destructive interparental conflict, parenting, and coparenting alliance. *Journal of Family Psychology*, 34(4), 414–424. <https://doi.org/10.1037/fam0000606>.
- Korja, R., Piha, J., Otava, R., Lavanchy-scaiola, C., Ahlqvist-Björkroth, S., Aromaa, M., Räihä, H. & STEPS-study. (2016). Mother's marital satisfaction associated with the quality of mother-father-child triadic interaction. *Scandinavian Journal of Psychology*, 57(4), 305-312. <https://doi.org/10.1111/sjop.12294>.
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A meta-analytic review. *Family Relations*, 49, 25-44. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2000.00025.x>.
- Lamela, D., & Figueiredo, B. (2016). Coparenting after marital dissolution and children's mental health: a systematic review. *Jornal de Pediatria*, 92, 331-342. <https://doi.org/10.1016/j.jped.2015.09.011>.
- Lamela, D., & Morais, A. (2017). Tradução e adaptação das versões portuguesas da Couple Satisfaction Index e do Marital Instability Index-Adapted [Translation and adaptation of the Portuguese versions of the Couple Satisfaction Index and the Marital Instability Index-Adapted]. Unpublished manuscript, Porto, Portugal: Universidade Lusófona do Porto.
- Lamela, D., Figueiredo, B., Jongenelen, I., Morais, A., & Simpson, J. A. (2020). Coparenting and relationship satisfaction in mothers: The moderating role of sociosexuality. *Archives of Sexual Behavior*, 49(3), 861-870. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-01548-2>.

- Lamela, D., Figueiredo, B., Morais, A., Matos, P., & Jongenelen, I. (2020). Are measures of marital satisfaction valid for women with depressive symptoms? The examination of factor structure and measurement invariance of the Couple Satisfaction Index-4 across depression levels in Portuguese women. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 27(2), 214-219. <https://doi.org/10.1002/cpp.2420>.
- Lamela, D., Jongenelen, I., Morais, A., & Figueiredo, B. (2018). Cognitive-affective depression and somatic symptoms clusters are differentially associated with maternal parenting and coparenting. *Journal of Affective Disorders*, 219, 37-48. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2017.05.006>.
- Lamela, D., Morais, A., & Jongenelen, I. (2015). Does sociosexuality moderate the association between coparenting and marital satisfaction in women with a romantic partner? Manuscript submitted for publication.
- Lamela, D., Morais, A., & Jongenelen, I. (2018). Validação psicométrica da Escala da Relação Coparental em mães portuguesas. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(3), 585-600. <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5564>.
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 205-216. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722010000100022>.
- Le, Y., McDaniel, B. T., Leavitt, C. E., & Feinberg, M. E. (2016). Longitudinal associations between relationship quality and coparenting across the transition to parenthood: A dyadic perspective. *Journal of Family Psychology*, 30(8), 918–926. <https://doi.org/10.1037/fam0000217>.
- Lee, J. K., Feinberg, M. E., & Wells, M. B. (2020). The Swedish Brief Coparenting Relationship Scale: Psychometrics and Concurrent Validity Among Primiparous and Multiparous Fathers. *Family Relations*. <https://doi.org/10.1111/fare.12503>.
- Li, X., Zhou, N., Fang, X., & Cao, H. (2020). Marital conflict resolution and marital affection in Chinese marriage: Integrating variable-centered and person-centered approaches. *Marriage & Family Review*, 56(4), 369-389. <https://doi.org/10.1080/01494929.2020.1712575>.
- Li, Y., Putallaz, M., & Su, Y. (2011). Interparental conflict styles and parenting behaviors: Associations with overt and relational aggression among Chinese children. *Merrill-Palmer Quarterly*, 57(4), 402-428. <https://www.jstor.org/stable/23098032>.

- Lima, V. (2009). *Vinculação, Representação da Relação Íntima e Interação Diádica em Adultos* [Doctoral dissertation, Universidade do Minho]. RepositoriUM. <http://hdl.handle.net/1822/9502>.
- Lindahl, K. M., & Malik, N. M. (2011). Marital conflict typology and children's appraisals: The moderating role of family cohesion. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 194-201. <https://doi.org/10.1037/a0022888>.
- Lindahl, K. M., Malik, N. M., & Wigderson, S. (2020). Exploration of a Marital Typology: Implications for Marital Functioning in a Multi-Ethnic Sample. *Family Process*, 59(3), 1319-1333. <https://doi.org/10.1111/famp.12469>.
- Maniaci, M., & Rogge, R. (2014). Caring about carelessness: Participant inattention and its effects on research. *Journal of Research in Personality*, 48, 61-83. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2013.09.008>.
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of family Psychology*, 15, 3-21.
- Mark, K. P., Herbenick, D., Fortenberry, J. D., Sanders, S., & Reece, M. (2014). A psychometric comparison of three scales and a single-item measure to assess sexual satisfaction. *The Journal of Sex Research*, 51(2), 159-169. <https://doi.org/10.1080/00224499.2013.816261>.
- Markman, H. J. (1991). Constructive marital conflict is NOT an oxymoron. *Behavioral Assessment*, 13(1), 83-96.
- McCoy, K., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2009). Constructive and destructive marital conflict, emotional security and children's prosocial behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50(3), 270-279. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2008.01945.x>.
- McRae, C. S., Overall, N. C., Henderson, A. M. E., Low, R. S. T., & Cross, E. J. (2021). Conflict-coparenting spillover: The role of actors' and partners' attachment insecurity and gender. *Journal of Family Psychology*, 35(7), 972-982. <https://doi.org/10.1037/fam0000884>.
- Ostenson, J. A., & Zhang, M. (2014). Reconceptualizing marital conflict: A relational perspective. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, 34(4), 229-242. <https://doi.org/10.1037/a0034517>.

- Özgüç, S., & Tanrıverdi, D. (2018). Relations between depression level and conflict resolution styles, marital adjustments of patients with major depression and their spouses. *Archives of Psychiatric Nursing*, 32(3), 337-342. <https://doi.org/10.1016/j.apnu.2017.11.022>.
- Parkes, A., Green, M., & Mitchell, K. (2019). Coparenting and parenting pathways from the couple relationship to children's behavior problems. *Journal of Family Psychology*, 33(2), 215-225. <http://dx.doi.org/10.1037/fam0000492>.
- Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2012). Marital satisfaction and partners' parenting practices: The mediating role of coparenting behavior. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 509.
- Renshaw, K. D., Blais, R. K., & Smith, T. W. (2010). Components of negative affectivity and marital satisfaction: The importance of actor and partner anger. *Journal of Research in Personality*, 44(3), 328-334. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2010.03.005>.
- Rinaldi, C. M., & Howe, N. (2003). Perceptions of Constructive and Destructive Conflict Within and Across Family Subsystems. *Infant and Child Development*, 12(5), 441–459. <https://doi.org/10.1002/icd.324>.
- Schudlich, T. D., & Cummings, E. M. (2003). Parental dysphoria and children's internalizing symptoms: Marital conflict styles as mediators of risk. *Child Development*, 74(6), 1663-1681. <https://doi.org/10.1046/j.1467-8624.2003.00630.x>.
- Sierau, S., & Herzberg, P. (2011). Conflict resolution as a dyadic mediator: Considering the partner perspective on conflict resolution. *European Journal of Personality*, 26(3), 221–232. <https://doi.org/10.1002/per.828>.
- Siffert, A., & Schwarz, B. (2011). Spouses' demand and withdrawal during marital conflict in relation to their subjective well-being. *Journal of Social and Personal Relationships*, 28(2), 262-277. <https://doi.org/10.1177/0265407510382061>.
- Sturge-Apple, M. L., Davies, P. T., & Cummings, E. M. (2006). Hostility and withdrawal in marital conflict: Effects on parental emotional unavailability and inconsistent discipline. *Journal of Family Psychology*, 20(2), 227–238. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.20.2.227>.
- Ulloa, E. C., Hammett, J. F., Meda, N. A., & Rubalcaba, S. J. (2017). Empathy and romantic relationship quality among cohabitating couples: An actor–partner interdependence model. *The Family Journal*, 25(3), 208-214. <https://doi.org/10.1177/1066480717710644>.

- Van Egeren, L. A. (2004). The development of the coparenting relationship over the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal: Official Publication of the World Association for Infant Mental Health*, 25(5), 453-477. <https://doi.org/10.1002/imhj.20019>.
- Winterheld, H. A., Simpson, J. A., & Oriña, M. M. (2013). It's in the way that you use it: Attachment and the dyadic nature of humor during conflict negotiation in romantic couples. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 39(4), 496-508. <https://doi.org/10.1177/0146167213479133>.
- Zhou, N., & Buchler, C. (2019). Marital hostility and early adolescents' adjustment: The role of cooperative marital conflict. *The Journal of Early Adolescence*, 39(1), 5-27. <https://doi.org/10.1177/0272431617725193>.